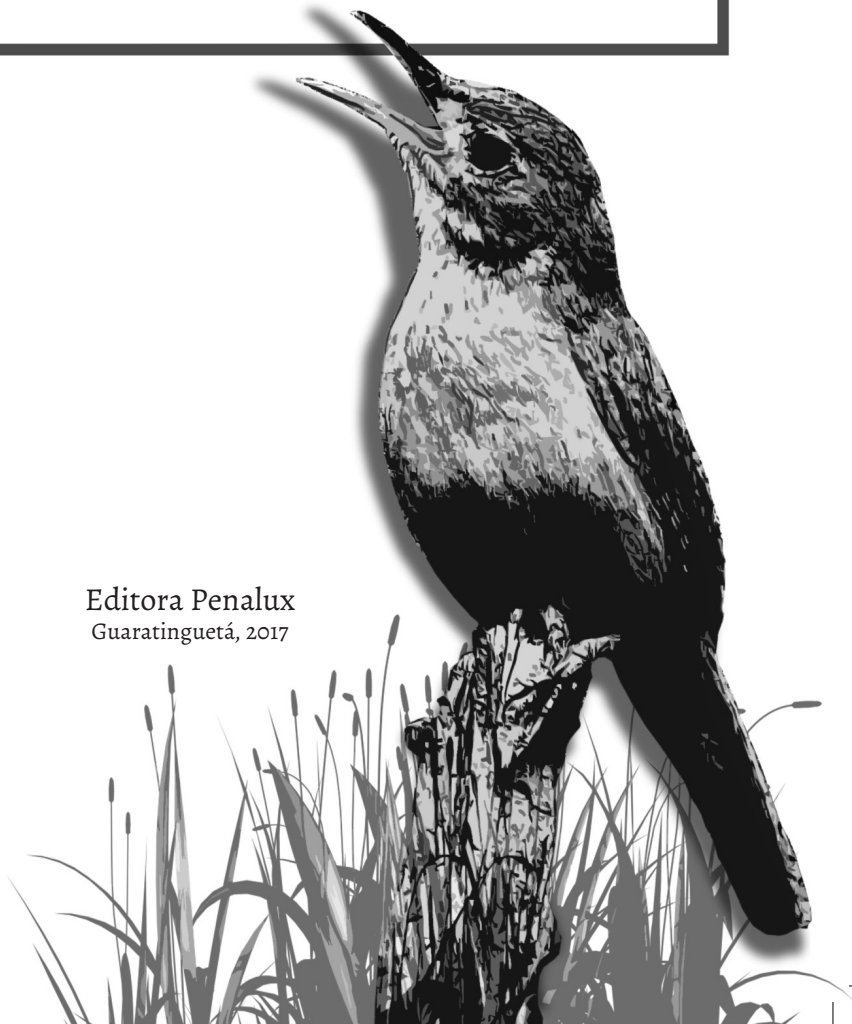


BRAZ CHEDIAK

*uma corruíra
na varanda*

Editora Penalux
Guaratinguetá, 2017





EDITORA PENALUX

Rua Marechal Floriano, 39 – Centro
Guaratinguetá, SP | CEP: 12500-260

penalux@editorapenalux.com.br
www.editorapenalux.com.br

EDIÇÃO
França & Gorj

REVISÃO
Daniel Zanella

CAPA E DIAGRAMAÇÃO
Ricardo A. O. Paixão

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

C514c CHEDIAK, Braz.
Uma corruíra na varanda/Braz Chediak
Guaratinguetá, SP: Penalux, 2017.

186p. : 21 cm

ISBN 978-85-5833-274-3

1. Crônicas I. Título

CDD.: B869.8

Índices para catálogo sistemático:

1. Literatura brasileira

Todos os direitos reservados.
A reprodução de qualquer parte desta obra só é permitida
mediante autorização expressa do autor e da Editora Penalux.

O JURAMENTO DE HIPÓCRATES

Cada dia procurava um médico e todos a atendiam com a mesma cortesia. No consultório do cardiologista, por exemplo, apresentava sintomas cardíacos: “Não aguento mais essa queimação no peito, essa pontada...”.

O médico, com paciência de Jó, a examinava e, sabendo de sua neurose, de sua necessidade de doença, dizia: “O caso é sério!”.

E ela, com um sorriso nos lábios, com uma alegria súbita, indagava: “É grave?”.

“Gravíssimo!”, respondia o doutor, indo até a pia, onde enchia um copo d’água, com um pouco de açúcar, e entregava à mulher:

“Beba isto. E cuidado. O caso não é para brincadeira!”. Ela saía embevecida, elogiando: “Nunca vi um doutor bom como este. Nunca vi.”.

Dia seguinte procurava outro. Chegava ao consultório do gastroenterologista, gemendo: “Estou com dor aqui, aqui, aqui...”.

O médico a mandava deitar-se, apalpava-a e dizia: “O problema é sério! Seríssimo!”.

E novamente ela abria o sorriso, tomava o “remédio” que o médico lhe dava e saía feliz.

“Isso é que é médico! Isso é que é médico!”

E todos a conheciam e atendiam, de graça, com a mesma paciência.

Até o pediatra, quando a encontrava, na rua, tirava do bolso uma colher e uma lanterninha e dizia: “Põe a língua pra fora. Fala: AAAAHHHHHHH!!!!!!”.

Entrava nas drogarias como um santo entra num templo ou um jogador no Maracanã. Aquelas prateleiras, aqueles remédios todos eram o paraíso. Mal via os balconistas, perguntava ansiosa: “Alguma novidade?”.

E eles, tomando-lhe o pulso: “Chega amanhã um produto novo. Mas, meu Deus, como a senhora está pálida...”.

E ela saía felicíssima: “Bom menino este farmacêutico. Tão atencioso...”.

* * *

Um dia, surgiu na cidade um médico novo. Jovem bem falante, trazendo em sua bagagem a sabedoria dos recém-formados; começou logo a montar seu consultório na Rua Direita.

Em contato com os colegas já estabelecidos, tomou conhecimento dos assuntos (e das moléstias) de Três Corações e foi informado por todos da existência e da mania de Dona Milica. Escutou tudo e, entre dentes, murmurou: “Essa não!”.

Pronto o consultório, colocou anúncio nos jornais e na rádio: estaria atendendo os clientes “amanhã, a partir das 9 horas...”.

Dona Milica, não contendo a ansiedade, veio a pé do Fim Cotia e foi a primeira a chegar. E com o coração saltitante foi atendida pelo jovem médico.

A bem da verdade, ele a examinou com o cuidado do iniciante. Dos pés à cabeça. Só pulou “as partes” porque ela, ali, não deixava homem nenhum pôr as mãos.

Quarenta minutos cravados de exame. Depois mandou que ela se assentasse e fez algumas anotações. Dona Milica não aguentava mais esperar o veredicto, esperançosa de alguma doença moderna, um nome estranho, etc. Seria acertar na loteria. Mas o jovem médico levantou a cabeça e disparou: “A senhora não tem nada. Tem saúde pra dar e vender!”.

Foi como uma punhalada. Ela ainda arriscou um “eu...”, mas o jovem médico a interrompeu: “Uma saúde de ferro!”.

Ela sentiu o sangue subir. Sentiu que o corpo esquentava. Sentiu a tristeza, o abandono, a decepção. Num esforço, tentou levantar-se, mas viu que tudo fugia. E seus olhos pararam.

Enquanto o jovem médico, lavando as mãos, resmungava entre dentes: “Comigo não. Eu fiz o juramento de Hipócrates!”.

Sem perceber que Dona Milica estava morta.

AMORES DESESPERADOS

A Rua da Cotia amanheceu com uma notícia que deixou a cidade em polvorosa: a Fulana fugiu com um soldado da policia. As mulheres abriam as janelas, chamavam as vizinhas, cochichavam... Os homens se reuniam nas barbearias, nos botiquins e, com sorrisos maliciosos, saboreavam a novidade e a desgraça do marido, que era fanático pelo Fluminense.

Notícias eram desencontradas: uns diziam que o traído estava armado para matar a ingrata e o amante. Outros que estava trancado num quarto escuro, paletó molhado de lágrimas, berrando de dor, de vergonha, e não queria mais comer e beber água.

Por um lado, invejei o amante. Eu nunca havia visto a mulher, mas o fato dela ter fugido com outro dava-lhe certo mistério. A imaginava vestida como uma Vamp de cinema, seios arfantes, atravessando os vagões do trem em movimento – coisa terminantemente proibida para nós, crianças, e que era o máximo em aventura – ou andando em ruas escuras em companhia do amado.

Por outro, senti pena do marido. Me entristecia com suas olheiras, seus cabelos desalinhados – naquela época, um homem de respeito não aparecia em público sem pentear os cabelos – e, mais que tudo, pelo fato de não querer comer.

É claro que, em seguida, a cidade inventou estórias:
“Há muito tempo eles estavam juntos!”, diziam uns.
“O marido vai se matar de desespero!”, diziam outros.

O fato é que a santa senhora sumiu definitivamente de Três Corações e o marido... bem, o marido, para esquecer a dor e a vergonha, foi para a casa de um parente no interior do Rio e dizem que está morando com uma viúva rica e torcedora do Flamengo.

Hoje não temos essas paixões arrebatadas. Possuímos iPhones, celulares, etc., etc., que falam e sentem por nós. Os homens e as mulheres não se descabelam mais.

Temos coragem de ir à Lua, a Marte, mas perdemos a coragem de nos desesperar e – cá pra nós – até de dizer “eu te amo!”.

Às vezes, choramos sozinhos, é verdade, mas a Paixão foi domesticada: as mulheres não precisam mais fugir com soldados da polícia.

Os homens não precisam mais se trancar num quarto escuro e berrar de dor, como berra de fome um bezerro desmamado:

“Muuuuuuuuuuuuuu!!!!!!!!!!!!!!!!!!!!!!!!!!!!!!”

ROSAS AMARELAS-CAMISOLAS NEGRAS

Para Luiz Carlos Lacerda – Bigode

Marcelino era o tipo do sujeito enjoado. Se, por exemplo, a camisa estivesse mal passada, jogava-a na cama e reclamava aos gritos: “Cotinha, vê o estado dessa roupa!”.

E Dona Cotinha corria para passá-la de novo, caprichando nos vincos, borrifando água de colônia para perfumá-la, embevecida com aquele marido jovem, bonito.

Mas as manias não paravam aí. Na hora do jantar, exigia que a mulher colocasse na mesa toalha de linho branco e, no centro, um vaso de rosas amarelas. Dona Cotinha fazia-lhe as vontades. Pratos e talheres brilhavam para Marcelino.

Um dia, Laurinda, amiga de Dona Cotinha desde os tempos de criança, foi visitá-la e ficou escandalizada com o tratamento que Marcelino lhe dava. E depois de conversarem sobre a infância, os amigos, o Big Brother, etc., Dona Cotinha segredou-lhe que o marido exigia que ela dormisse, todas as noites, de camisola negra de seda transparente. E que, sexualmente, não lhe dava descanso.

Laurinda, fazendo cara de enfado, observou: “Deus me livre, não sei como é que você aguenta!”.

Daquela visita em diante, a amizade das duas redobrou. Quando não podia visitá-la, Laurinda telefonava e ficavam horas conversando. E, no meio de suas confidências, vez por outra falava: “Deixa de ser boba, arruma uma empregada. Homem a gente tem que tratar ali!”.

O certo é que, pouco a pouco, foi fazendo a cabeça de Dona Cotinha. Ela foi relaxando no trato com Marcelino e quando ele reclamava de alguma coisa respondia: “Sou uma só. Não tenho tempo de ficar cuidando de tudo!”.

Marcelino começou a ficar nervoso, percebendo que a mulher já não era a mesma. Começou a chegar tarde em casa, gritando por qualquer coisinha. E Dona Cotinha respondia na mesma moeda.

Laurinda, sempre apoiando a amiga, aconselhava: “É isto mesmo. Homem tem que ser tratado ali, no cabresto!”.

As únicas coisas que continuavam iguais eram o jantar e a camisola negra. Mesmo assim, sem o ardor de outrora. Dona Cotinha, às vezes, pensava em capitular, mas Laurinda instigava: “Ele entra nos eixos. Ele entra nos eixos!”.

Até que um dia foi definitiva: “Tira essas flores da mesa, isto tá parecendo velório. E camisola... coisa mais cafona, minha filha. Deixa de ser boba!”.

Na mesma tarde, ao sentar-se para jantar, Marcelino notou que não havia mais as rosas amarelas. E, à noite, a camisola negra. Seu rosto esquentou, sentiu coração pulsar, saiu de casa.

Dia seguinte, Dona Cotinha procurou a amiga, chorando: “Minha vida acabou!”.



www.editorapenalux.com.br

 penaluxeditora@gmail.com.br

 [/editorapenalux](https://www.facebook.com/editorapenalux)